

Seminário 9: Literatura, cidade e arquitetura

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem. In: CANDIDO, Antonio. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993.

Grupo: Brenda Regina Braz Leite, João Paulo Campos Peixoto e Karina Ribeiro de Oliveira

Comentário das professoras:

O Seminário está bem organizado, cumprindo com as etapas solicitadas. A epígrafe escolhida por vocês capta bem o “espírito” do autor, um intelectual que não deixou de ser nunca professor, e que encarava sua tarefa como uma missão, que ele levava adiante perseguindo sempre o texto claro, a argumentação detida e a intenção última de transmitir suas ideias ao leitor.

Ainda na apresentação do autor, está bem apresentada sua dupla atuação, ou melhor, sua formação em Sociologia e seu deslocamento para as Letras, ainda que sua atividade como crítico tenha se iniciado antes, de maneira autodidata, como vocês notam, mas já dentro da sua formação universitária e humanista.

Essa formação em Sociologia atuará sempre em sua crítica literária, fazendo suas análises serem também uma ponte para a compreensão do mundo social no qual a literatura floresce. Vocês também dão atenção ao aparecimento de sua obra mestra – o *Formação...* – notando com o apoio de Luís Jackson a coincidência desta com a produção de sua tese em Sociologia – *Os parceiros do Rio Bonito* –, indicando os empréstimos recíprocos entre os campos.

Já na apresentação do autor portanto são definidos os pontos que depois serão levantados na apreciação do texto.

Na leitura propriamente do ensaio “Dialética da malandragem”, vocês indicam com clareza o contexto de sua escrita e publicação em algumas oportunidades, desde a primeira delas em 1970, das quais se destaca a versão em livro, no volume *O Discurso e a cidade*. Tem interesse esse ponto na medida em que o livro reúne uma série de críticas de fôlego do autor, nas quais há esse imbricamento entre texto literário e contexto urbano, o que nos interessa de perto. Vocês retomam a Introdução do livro, apresentando o modo como o autor organiza os variados ensaios, e quais suas intenções e procedimentos em cada uma das três partes que organizam a obra.

Aqui é necessário fazermos uma ressalva importante à leitura desse texto do Seminário – na medida em que, do conjunto de textos indicados ao longo do nosso curso, este talvez o que mais se afaste deles, pelas suas intenções e pelo seu caráter: não se trata de um texto de análise histórica, social, sociológica. Trata-se de uma crítica literária, e portanto, seu objetivo maior e manifesto é a compreensão da fatura do romance

analisado – *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antonio de Almeida. Esse é um ponto fundamental de ser destacado – e que talvez tenha ficado rebaixado na leitura de vocês – porque ele implica em lembrarmos que o principal é a própria análise literária, e não a “análise social” [ver comentário abaixo sobre os Objetivos do texto]. Ocorre que da perspectiva de Antonio Candido, se há um interesse em mostrar essa ligação, o interesse, nas suas palavras, está mais exatamente em “mostrar como o recado do escritor se constrói a partir do mundo, mas gera um mundo novo, cujas leis fazem sentir melhor a realidade originária” (p. 9 e10), ou seja, a obra (esse mundo novo). Claro está que busca-se na análise encontrar um equilíbrio entre o “social” e o “estético”, ou entre o “psicológico” e o estético – aquilo que Auerbach chama de “objetividade do mundo” e “subjetividade do autor”. Mas o interesse do crítico deve estar sempre no texto, que é o resultado – a obra, o “ponto de chegada”, menos que na vida do autor e no mundo, ou seja, nos condicionantes ou nos estímulos, o “ponto de partida”. (Algo que para o historiador, depende... Depende da pergunta que ele faz).

Nesse sentido, a matéria literária teria interesse para ele menos pelos fatos narrados – o conteúdo manifesto – e mais pela sua forma (ou como a sua forma dá a ver o mundo). E é isso que ele propõe fazer em sua análise. Daí a dificuldade, insistimos, deste texto em relação aos demais.

Na Estruturação e tema do texto, vocês apresentaram de modo correto a proposta do crítico (a ideia de uma “crítica integradora”) – que nada mais é que o tal equilíbrio, mostrando como a realidade externa (o mundo social) é elaborada na forma estética.

Apresentam corretamente também a estratégia do texto, que percorre os “tipos” de romance que foram mobilizados pela crítica, o romance picaresco, o romance malandro, o romance documentário, discutindo os pró e contras de cada abordagem, para apresentar a hipótese da análise (elaborada diante de “uma intuição profunda do movimento da sociedade brasileira” – nas palavras de Roberto Schwarz), de que o livro seria afinal um “romance representativo”. A partir disso, ao expor seus argumentos (ou “mostrar” como isso se dá), na última parte Candido trataria de consolidar a argumentação.

No item “Objetivo do texto” discordamos que o mesmo seja, como vocês colocam, “a interpretação da subjetividade da realidade brasileira a partir da obra literária em questão, estabelecida a partir da dialética entre ordem e desordem apontada pelo crítico” (p. 11). Se esse ponto se depreende de sua crítica, o seu objetivo é discutir, como dissemos acima, aquele texto e sua fatura – atinando *pela análise* com essa espécie de princípio estruturador da realidade social brasileira nos idos do século 19. E, se há alguma fidelidade realista, ela não é da ordem documental. Justamente por perceber que, nesse romance, ao suprimir o “controle do mando”, não focalizando nas classes dirigentes, e ao suprimir o “trabalho”, não focalizando o escravo, Manuel Antonio dava

relevo a esse setor intermédio e anômico da sociedade, grupo que, atuando entre a ordem e a desordem, no fundo seria o responsável por dar a característica da própria sociedade. Dito de outra forma, a dialética da ordem e da desordem seria o correlativo formal desta realidade histórica.

Nesse sentido, a mobilização do texto de Michel de Certeau, na sua leitura do texto de Freud, talvez mais atrapalhe que ajude, ao introduzir os termos “meio-romance”, “meio-história”. Pois, se “o romance analisado por Candido certamente reside na articulação entre história e ficção” (como vocês afirmam nas p. 12-13), essa articulação não se dá no plano documental, antes, na própria forma, por meio disso que ele chama de “redução estrutural” – e que também pode ser chamado de “formalização estética”. Vocês reconhecem isso, ao afirmarem que “o romance comunica uma visão de sociedade que, ainda que não possa ser considerada essencialmente informativa, nos fornece pistas sobre seu autor e o mundo em que ele e o livro se inseriam” (p.13).

Esse, voltamos a afirmar, não é um texto fácil – ou melhor, a operação da crítica é um saber especializado. Nossa intenção ao indicá-lo como um dos nossos textos de seminário era apresentar uma visão sobre a obra literária – que dá elementos àqueles que buscam na literatura elementos para a análise social – mas também chamar atenção para os perigos de se tomar a literatura como “retratos fidedignos de uma época”, indicando justamente a complexidade envolvida nessas operações.

Para finalizar, indicamos a leitura que Roberto Schwarz fez desse ensaio: o artigo “Pressupostos, salvo engano, da Dialética da malandragem”, publicado na sua obra *Que horas são?*, porque ali há uma tentativa de compreender os pressupostos (justamente) da leitura elaborada em 1970 por Antonio Candido, revelando suas filiações teóricas e também o modo que ele opera a partir das mesmas.